

<https://doi.org/10.14211/regepe.v8i3.1299>

HISTÓRIA DE VIDA DE EMPREENDEDORES: ESTRATÉGIA E MÉTODO DE PESQUISA PARA ESTUDAR A APRENDIZAGEM EMPREENDEDORA

Recebido: 20/11/2018

Aprovado: 25/06/2019

¹Sérgio Vogt

²Yara Lucia Mazziotti Bulgacov

Objetivo do estudo - Propor que, a partir da história de vida de empreendedores fundadores de *startups*, seja possível desvendar processos de aprendizagem que ocorreram em suas vidas mesmo antes deles envolverem-se em uma prática empreendedora.

Metodologia/abordagem - Dentro de uma abordagem qualitativa e interpretativa, a História de Vida foi utilizada como estratégia orientadora e método de coleta de dados. Adicionalmente, visando delimitar a investigação das experiências dos empreendedores, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com foco em histórias temáticas. Para analisar os dados, foram usadas duas estratégias interconectadas: a análise narrativa e o método abdução.

Principais resultados - Os resultados permitem a identificação do envolvimento dos empreendedores com várias práticas sociais. Essas práticas apontam para a trajetória de vida dos empreendedores como um contínuo processo de aprendizado, indicando fragmentos de aprendizagem que ocorreram e que se tornaram relevantes para a atual prática empreendedora.

Contribuições teóricas/metodológicas - Este artigo destaca a natureza situada da aprendizagem empreendedora como um processo ancorado em práticas sociais que se inicia anteriormente ao envolvimento com uma ação empreendedora. Metodologicamente, a pesquisa sugere um percurso que contribuirá para a formação de uma agenda de pesquisa no contexto brasileiro.

Relevância/originalidade - O artigo destaca a contribuição da História de Vida e da Entrevista Temática como ferramentas facilitadoras para futuros pesquisadores interessados em revelar processos de aprendizagem dos empreendedores, não apenas em momentos anteriores à prática do empreendedorismo, mas também durante o processo de empreender e conduzir um negócio.

Palavras-chave: História de Vida; Entrevista Temática; Narrativa; Aprendizagem Empreendedora; Teorias da Prática Social.

¹ Universidade Federal do Paraná – UFP, Paraná (Brasil). E-mail: sergiovogt@gmail.com
Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-6710-7070>

² Universidade Federal do Paraná – UFP, Paraná (Brasil). E-mail: ybulgacov@gmail.com
Orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-2661-7810>



ENTREPRENEURS' LIFE HISTORY: STRATEGY AND RESEARCH METHOD TO STUDYING ENTREPRENEURIAL LEARNING

Purpose - Propose that, based on the life history of startups founders, it should be possible to reveal learning processes that occurred during their lives, even before they got involved in entrepreneurial practices.

Design/Methodology - Within a qualitative and interpretivist approach, Life History is used as a guiding strategy and method for gathering data. In addition, seeking to delineate the investigation of experiences by entrepreneurs, it was conducted semi-structured interviews focused on thematic stories. To analyze the data, two interconnected strategies were used: narrative analysis and the abductive method.

Main results - The results make it possible to identify the involvement of entrepreneurs with various social practices. These practices point to the lifelong journey of these entrepreneurs as a continual process of learning, indicating fragments of learning which occur and become relevant to the current entrepreneurial practice.

Theoretical/methodological contributions - This article highlights the situated nature of entrepreneurial learning as a process anchored in social practices that begins before involvement in an entrepreneurial action. In terms of methodology, this study suggests a path to contribute to the formation of a research agenda within the Brazilian context.

Relevance/originality - The article highlights the Life History and the Thematic Interview as tools that will facilitate the work of future researchers interested in revealing entrepreneurs' learning processes not just before an entrepreneurial practice but also during the beginning of the entrepreneurial process and the running of their businesses.

Keywords: Life History; Thematic Interview; Narrative; Entrepreneurial Learning; Social Practice Theories.

HISTORIA DE LA VIDA DE LOS EMPRENDEDORES: ESTRATEGIA Y MÉTODO DE INVESTIGACIÓN PARA ESTUDIAR EL APRENDIZAJE EMPRESARIAL

Objetivo - Proponer que, a partir de la historia de vida de emprendedores fundadores de startups, es posible descubrir procesos de aprendizaje que ocurrieron en sus vidas incluso antes de que participen en una práctica emprendedora.

Método - Dentro de un enfoque cualitativo e interpretativista, se usó Historia de Vida como estrategia orientadora y método para recopilar datos. Adicionalmente, para delimitar la investigación de las experiencias de los emprendedores, se realizaron entrevistas semiestructuradas con foco en historias temáticas. Para analizar los datos, se utilizaron dos estrategias interconectadas: el análisis narrativo y el método abductivo.

Resultados - Los resultados permiten identificar la participación de los emprendedores con varias prácticas sociales. Estas prácticas apuntan a la trayectoria de vida de los emprendedores como un continuo proceso de aprendizaje, que indica los fragmentos de aprendizaje que ocurrieron y que se tornaron relevantes para la actual práctica emprendedora.

Contribuciones teóricas/metodológicas - El artículo destaca la naturaleza situada del aprendizaje empresarial como un proceso anclado en prácticas sociales que se inicia anteriormente a participación con una acción emprendedora. Metodológicamente, la investigación sugiere un camino que contribuirá a la formación de una agenda de investigación en el contexto brasileño.

Originalidad/Relevancia - El artículo destaca la contribución de la Historia de Vida y de la Entrevista Temática como herramientas facilitadoras para futuros investigadores interesados en revelar procesos de aprendizaje de los emprendedores, no sólo en momentos anteriores a la práctica del emprendedorismo, sino también durante el proceso de emprender y conducir un negocio.



Palabras clave: Historia de Vida; Entrevista Temática; Narrativa; Aprendizaje Empresarial; Teorías de la Práctica Social.

1 INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XX foi um período marcado por diferentes viradas nas ciências sociais, como a histórica (Burke, 2005), a interpretativa (Morgan, & Smircich, 1980; Reckwitz, 2002), a linguística (Habermas, 1990; Sombra, 2008) e a da prática (Gherardi, 2012, Nicolini, 2012; Schatzki, 2002). Todas refletem sobre aspectos da subjetividade, do discurso e da práxis (Vizeu, 2010) e seus pressupostos oportunizaram aos pesquisadores novas possibilidades para a investigação da dinâmica social.

Em virtude disso, a pesquisa em empreendedorismo, caracterizada até então predominantemente dentro de uma abordagem econômica (Baumol, 1968; Kirzner, 1973), mudou para uma perspectiva humanista (McClelland, 1972). No final da década de oitenta, esse campo de pesquisa ganhou um novo horizonte com a reviravolta liderada por William B. Gartner. Essa nova perspectiva permitiu que o empreendedorismo fosse analisado como um processo dinâmico e não estático (Gartner, 1988; Kuratko, Morris, & Schindehutte, 2015; Moroz, & Hindle, 2012; Rae, & Carswell, 2000, 2001; Shane, & Venkataraman, 2000).

Isso levou a pesquisa sobre esse tema a concentrar-se no processo de “tornar-se empreendedor(a)”. Consequentemente, a partir do início da década de noventa, e mais intensamente no início dos anos dois mil, as pesquisas endereçadas a investigar esse fenômeno focaram na compreensão da aprendizagem em que os empreendedores se envolviam no processo de empreender (Cope, & Watts, 2000; Deakins & Freel, 1998; Festervand, & Forrest, 1993; Minniti, & Bygrave, 2001; Murphy, 1993; era, & Carswell, 2000, 2001; Smilor, 1997; Young, & Sexton, 1997). Como resultado, uma nova temática surgiu: Aprendizagem Empreendedora – AE (Harrison, & Leitch, 2008; Wang, & Chugh, 2014, 2015).

Com o avanço das pesquisas centradas na investigação da aprendizagem empreendedora, as principais perspectivas utilizadas para o seu estudo foram a cognitiva, a experiencial e a social (Agbim, Owutuamor, & Oriarewo, 2013; Rae, 2004, 2005; Rae, & Wang, 2015; Young, & Sexton, 1997). Recentemente, devido à



tendência de considerar a natureza situada do processo da aprendizagem empreendedora, as pesquisas no cenário internacional têm sido direcionadas ao uso de perspectivas teóricas que empregam os pressupostos das teorias da prática (Hafeez, Foroudi, Nguyen, Gupta, & Alghatas, 2018; Lefebvre, Radu Lefebvre, & Simon, 2015; Rae, 2017; Secundo, Del Vecchio, Schiuma, & Passiante, 2017; Terzieva, 2016; Toutain, Fayolle, Pittaway, & Politis, 2017), o que ainda não é observado no contexto brasileiro.

Dessa maneira, em virtude da dinâmica dos estudos direcionados para a aprendizagem empreendedora nas últimas décadas (Wang, & Chugh, 2014) e ao recente aumento do uso da lente da prática, ressalta-se a necessidade de proposições metodológicas que viabilizem a pesquisa empírica sobre esse fenômeno, em especial, fomentando o estudo da aprendizagem empreendedora no cenário brasileiro. Acredita-se que a proposição de caminhos metodológicos contribuirá para a formação de uma agenda de pesquisa nesse contexto.

Portanto, o objetivo deste artigo é apresentar a história de vida oral como estratégia e método de pesquisa, possibilitando o estudo do processo da aprendizagem de empreendedores. Para isso, foi construída uma proposta metodológica com base em entrevistas realizadas com fundadores de *startups* focada na narração de suas trajetórias de vida, com o objetivo de gerar relatos sobre diferentes práticas e, conseqüentemente, atividades nas quais esses empreendedores se envolveram e que realcem momentos de aprendizagem.

Essa estratégia/método de pesquisa, como apontaram Kuckertz e Prochotta (2018), tem sido pouco explorada por pesquisadores que se dedicam ao estudo do empreendedorismo, especialmente em estudos sobre aprendizagem empreendedora realizados no Brasil (Andrade, & Olave, 2015; Arantes, Freitag, & Santos, 2018; Silva, Lima, Paiva, & Lima, 2017; Zampier, & Takahashi, 2014). Assim, essas narrativas podem ser utilizadas como ferramenta para a compreensão do processo de aprendizagem empreendedora. Para tanto, pressupõe-se que os empreendedores, ao relatarem suas experiências e rotinas, fornecerão aos pesquisadores relatos de processos de aprendizagem.

A fim de avançar em direção ao objetivo anunciado, a seção a seguir apresenta os fundamentos teóricos que apontam para a história de vida como uma estratégia e um método de pesquisa. Posteriormente, destaca-se a narrativa como



resultado dessa escolha metodológica. Em seguida, argumenta-se quais narrativas fornecem relatos de processos de aprendizagem que ocorreram em diferentes práticas sociais e ao final dessa seção, a história temática é apresentada como técnica complementar da história de vida, possibilitando a investigação específica do processo de aprendizagem. Por meio do trabalho de campo realizado, na seção metodológica e posteriormente na apresentação dos resultados obtidos, enfatiza-se a aplicabilidade empírica desta proposta metodológica.

2 PERCURSO TEÓRICO

2.1 História de Vida: Estratégia e Método de Pesquisa

Contar a história de vida ou narrar histórias de uma vida apontam para a necessidade de atenção ao que cada uma dessas ações se refere. A primeira (do Inglês *history*), refere-se a um relato de uma vida, isto é, a história da minha vida. A segunda (do Inglês *story*), são histórias que contam sobre experiências pessoais que ocorreram em um contexto social e histórico em algum momento da vida. Portanto, minha história de vida inclui várias histórias da minha vida (Atkinson, 2002; Ferrazza, & Antonello, 2017; Hatch, & Wisniewski, 2003). Como as vidas são moldadas por uma série de eventos, as histórias são parte do que se é (Atkinson, 2002).

Assim, as histórias são capazes de trazer ordem e significado às experiências e contribuem com uma visão que é, ao mesmo tempo, descritiva e subjetiva, porque uma história (ou histórias) pode(m) ser interpretada(s) por quem conta e quem ouve (Atkinson, 2002). Considerando essa natureza, que se torna relevante para descortinar fenômenos como o da aprendizagem de empreendedores via uma abordagem histórica, a História de Vida (HV) é apresentada aqui como uma estratégia orientadora e como um método para conduzir a coleta de dados (Atkinson, 2002; Hatch, & Wisniewski, 2003; Jones, 1983).

Na literatura, é possível encontrar várias nomenclaturas como sinônimos da HV, incluindo autobiografia, biografia, narrativa oral ou narrativa de vida (Closs, & Antonello, 2012). Essa multiplicidade de conceitos origina-se principalmente da forma como o pesquisador tem acesso ou constrói a(s) história(s). Uma história de



vida pode ser obtida por meio de conversas e entrevistas, por exemplo, também conhecida como História Oral (Alberti, 2005; Ferreira, Fernandes, & Alberti, 2000; Ichikawa, & Santos, 2006). Devido a essa pluralidade de termos, optou-se por usar o termo História de Vida Oral (HVO).

O reconhecimento da relevância dessa estratégia/método, em virtude do potencial de aplicação metodológica, tem fomentado discussões devido à sua natureza tática e funcional (Cappelle, Borges, & Miranda, 2010; Closs, & Antonello, 2008; Gaffuri, & Ichikawa, 2016; Itelvino, Costa, Gohn, & Ramacciotti, 2015; Jaime, Godoy, & Antonello, 2007; Mageste, & Lopes, 2007; Oliveira, Correa, & Delboni, 2017; Perazzo, & Bassi, 2007). Isso decorre do fato de que ao contar uma história de vida, um(a) narrador(a) relata sua visão atual do que aconteceu com ele(a) e torna “o implícito explícito, o oculto revelado, o informe formado e o confuso claro” (Atkinson, 2002, p. 125), permitindo que o(a) pesquisador(a) tenha relatos das experiências vividas (e interpretadas).

Portanto, através das histórias (orais) da vida, afirma-se que os outros “nos conhecerão e nos entenderão melhor” (Atkinson, 2002). Logo, esse método deve ser reconhecido como uma ferramenta que examina e analisa a experiência subjetiva dos indivíduos e suas construções do mundo social (Jones, 1983), permitindo ao pesquisador, por meio dos relatos narrativos, reconhecer processos de *sensemaking/giving* quando torna a vida sensível por meio de narrativas (Cunliffe, & Coupland, 2011) ao tentar criar uma explicação sobre a experiência no mundo (Strati, 2007).

2.1.1 História de vida oral: uma possibilidade metodológica

Na seção anterior, foram apresentados argumentos enfatizando principalmente a natureza estratégica/tática da HVO. Entretanto, especificamente no que diz respeito ao seu uso como método de pesquisa, deve-se ressaltar sua natureza processual/funcional. Para realizar uma investigação aplicando esse recurso na coleta de dados, não basta simplesmente registrar tudo o que foi dito por aqueles que falam sobre sua vida (Alberti, 2005). Alguns cuidados devem ser tomados com a aplicação empírica dessa abordagem.



Primeiro, não se deve desconsiderar a natureza relacional entre narrador e pesquisador. Nesse processo construtivo, durante o exercício de escutar uma história de vida narrada oralmente, o pesquisador é considerado um guia (Atkinson, 2002), atuando também como intérprete (Pamphilon, 1999). Em segundo lugar, deve-se notar que a HVO vai além da simples observação de relatos de eventos narrados, pois considera-se que uma história sempre tem um *background* a ser verificado (Bathmaker, & Harnett, 2010). Portanto, embora cada história de vida contenha uma perspectiva individual, a vida engloba uma série de aspectos que trazem informações sobre a sociedade na qual essa pessoa está inserida, sobre seus valores sociais e culturais, o contexto histórico e econômico, e sobre organizações e instituições (Closs, & Antonello, 2012).

Tendo isso em vista, o foco do pesquisador deve ser nas dimensões socioculturais da história de vida narrada, revelando o impacto dos eventos históricos na vida dos indivíduos, sem negligenciar, no entanto, aspectos individuais, como emoção e valores pessoais (Pamphilon, 1999). Ao apontar critérios que os pesquisadores deveriam considerar ao utilizar esse método, Jones (1983) cita que:

1. O indivíduo deve ser visto como membro de uma cultura;
2. O papel de outros significantes como, por exemplo, o grupo familiar, deve ser reconhecido;
3. A natureza da ação social deve ser considerada, isto é, identificar contextualmente os sistemas de significado e os modos de ação;
4. O caráter contínuo e relacional da experiência ao longo do tempo deve ser um foco de análise, enfatizando a importância dos eventos que constituíram uma sequência de outros eventos históricos;
5. O contexto social deve estar continuamente associado à ação do indivíduo, pois a ação não pode ser dissociada do contexto em que ocorre.

Em resumo, depois de conduzir uma pesquisa utilizando a HVO como estratégia e método de pesquisa, os pesquisadores obterão relatos para fundamentar seus estudos, que vão além de informações individuais. Isso significa que estarão disponíveis narrativas que permitem que explorem e descubram momentos de aprendizagem. Dessa forma, a seção a seguir argumenta que narrativas, fruto de relatos sobre a vida, revelam fragmentos de processos de aprendizagem.



2.2 Narrativas: Resultado de Histórias Orais de Vida

No livro *“Life History and Narrative”*, Hatch e Wisniewski (2003) buscaram a distinção entre esses dois conceitos e concluíram que é difícil criar uma separação entre eles, já que as principais características que os diferenciam são as mesmas que os conectam. Entre as semelhanças encontradas, destaca-se que em ambas o foco está no indivíduo que conta sua história e narra a partir de um contexto situado. Assim, mesmo que haja uma visão individual na narrativa de uma história de vida, aspectos históricos, culturais, políticos e sociais podem ser identificados. Por essa razão, a análise narrativa de uma história de vida não pode se basear apenas na visão individual de quem relata, mas deve adquirir uma perspectiva mais ampla quando considerados esses outros elementos conectados a um determinado relato (Closs, & Antonello, 2012).

Como resultado do olhar coletivo, temos uma desindividualização da narrativa. Assim, o que até então poderia ser considerado um ponto fraco do método – quando considerado um relato ou um ponto de vista de um único indivíduo – passa a ser apresentado como uma vantagem metodológica, uma vez que permite uma conexão profunda a uma realidade específica. Ou seja, a produção de um texto que depende fortemente do engajamento e das experiências do narrador (Olesen, 2011), ao mesmo tempo que permite ao pesquisador coletar relatos múltiplos de diferentes pessoas para avançar na construção da compreensão do fenômeno sob investigação. Nesse sentido, as narrativas tornam-se uma espécie de código, relatam trajetórias de indivíduos, atitudes e percepções, possibilitando aos pesquisadores conectar o presente e passado (Reis, & Antonello, 2006).

Reconhecendo a natureza do conteúdo que se pode obter em uma narrativa, mas também considerando as narrativas como construções coletivas, Bathmaker e Harnett (2010) afirmaram que esse processo envolve diferentes participantes em sua construção, entre eles: o narrador, o pesquisador e o leitor. Nesse sentido, deve-se ressaltar que as narrativas obtidas através da história de vida não são relatos brutos, pois são frutos de interpretações que o indivíduo constrói de sua própria vida, antes mesmo da interpretação elaborada pelo pesquisador (Perazzo, & Bassi, 2007). Dessa maneira, o que novamente poderia ser visto como ponto fraco,



é encarado como um diferencial do método, pois possibilita um olhar a partir da experiência já obtida, ficando a critério dos pesquisadores a busca da construção do conhecimento fundamentada na depuração dos dados obtidos.

Dito isso, argumenta-se que as narrativas orais de histórias de vida apontam para processos de aprendizagem que ocorreram no curso da vida dos empreendedores, na medida em que eles testemunharam ou se envolveram com certas práticas sociais. Assim, a seção a seguir apresenta a teorização da prática como uma possibilidade de reflexão sobre o aprendizado.

2.3 Teorias da Prática - Novas Possibilidades de Reflexão sobre a Aprendizagem

As teorias baseadas na prática visam tornar o pesquisador mais articulado e capaz de observar as diferenças que compõem o universo complexo e multifacetado em que vivemos, que também reflete o(n) contexto organizacional (Gherardi, 2009; Gherardi, & Strati, 2014). Essa abordagem busca uma compreensão mais rica e completa das nuances do mundo social, tornando-se inerentemente relacional, porque vê o mundo como um conjunto contínuo, com nexos e alianças entre práticas (Nicolini, 2012).

As práticas (sociais) são um tipo de comportamento rotineiro que consiste em vários elementos interconectados como, por exemplo, uma determinada maneira de cozinhar, diferente apenas do cozinhar como uma ação humana. Dessa forma, deve-se levar em conta que a prática, ou uma prática social, envolve diversos elementos, como: corpo, mente, artefatos (atores não humanos), conhecimento, estrutura, processo, bem como linguagem (Reckwitz, 2002). Esse olhar multifacetado sobre a prática revela que uma determinada prática não é apenas o resultado de um fazer que pode ser simplesmente descrito, mas sim um fenômeno complexo. Uma vez que se pretenda realizar um estudo baseado em uma prática, surge a necessidade de um olhar analítico sobre ela, a fim de que se considere os diversos elementos que a compõe, como a produção e o uso de conhecimento.

Nos estudos baseados na prática, o conhecimento não é visto como um objeto, mas percebido como um processo social, humano, material, bem como emocional, em que “fazer e conhecer são um e o mesmo” (Gherardi, 2006, p. xii).



Dentro dessa perspectiva, o conhecimento é acessado pelo praticante não apenas por meio do envolvimento direto na prática, ou quando fala sobre ela no curso de sua participação, mas também por meio de formas linguísticas (narração de histórias) na medida em que ele(a) ouve sobre a prática (Gherardi, & Strati, 2014).

Dessa maneira, não há separação entre conhecimento e aprendizado na ação, pois ambos ocorrem simultaneamente no curso dela. Nessa abordagem, conhecimento passa a ser visto não como uma substância, como algo objetivado em um livro ou materializado em outro objeto, nem é considerado meramente uma propriedade pertencente a um indivíduo, mas considera-se que é mobilizado no desempenho de práticas que envolvem tanto aspectos humanos como não humanos (Gherardi, & Strati, 2014). Assim, a aprendizagem está em tornar-se um praticante na medida em que há a construção de conhecimento (Gherardi, 2006; Gherardi, & Strati, 2014; Strati, 2003).

Nesse sentido, os praticantes de determinadas práticas são os provedores de informações para pesquisadores, permitindo que eles tenham acesso ao seu mundo a partir dos relatos obtidos. Dessa maneira, empreendedores são considerados praticantes que passaram por um processo de aprendizado ao longo de suas vidas. Portanto, argumenta-se que as narrativas orais das histórias de suas vidas revelam fragmentos de aprendizagens que ocorreram no decorrer do envolvimento com diversas práticas, em especial, mas não exclusivamente, àquelas relacionadas ao mundo dos negócios e a determinadas práticas empreendedoras anteriores.

2.3.1 Narrativas orais da história de vida: fragmentos de processos de aprendizagem

Empreendedores são considerados aprendizes excepcionais porque “aprendem com clientes, fornecedores e principalmente com concorrentes. Eles aprendem com funcionários e parceiros. [...] com outros empreendedores. [...] Pela experiência. [...] Eles aprendem com o que funciona e o que é mais importante, aprendem com o que não funciona” (Smilor, 1997, p. 344). Nesse sentido, relatando a história de vida, com ênfase especialmente antes da prática empreendedora atual, fornecerão aos pesquisadores relatos sobre momentos de aprendizagem. Fazendo



isso, busca-se unir a história de vida e a narrativa que decorre dessa metodologia, permitindo conectar a vida e as histórias dos indivíduos na busca da compreensão de um fenômeno humano e social, nesse caso, da aprendizagem.

Nessa busca por entendimento do processo de aprendizagem, argumenta-se que, ao conduzir entrevistas, os pesquisadores irão obter relatos dos entrevistados sobre aspectos de suas experiências, visões, interpretações, memórias, opiniões, percepções, comportamentos, práticas, ações, atividades, interações, crenças e compromissos, que têm muito a revelar sobre a realidade social (Ichikawa, & Santos, 2006), principalmente vestígios de aprendizagens (Reis, & Antonello, 2006). Olesen (2011) destaca que o uso da abordagem de história de vida visa compreender empiricamente os processos de aprendizagem e que isso permite teorizar a aprendizagem em um contexto histórico, no qual os indivíduos aprendem nas práticas sociais em que foram socializados.

Outro exemplo pode ser encontrado no trabalho de Ferrazza e Antonello (2017) em que se buscou demonstrar as possibilidades de abordar a história de vida como uma estratégia metodológica que favorece o estudo de processos de aprendizagem de cinegrafistas. Para isso, as autoras organizaram o cotidiano desses profissionais e identificaram as práticas que eles se envolviam no cotidiano e os processos de aprendizagem que estavam embutidos nessas práticas.

Os resultados desse último exemplo empírico revelam, do ponto de vista do aprendizado na prática (Gherardi, 2009; Strati, 2003), a possibilidade de destacar o envolvimento e a participação direta em determinadas práticas que contribuem para a aprendizagem de empreendedores. Portanto, argumenta-se que a HV, por meio de relatos orais, permite, além da observação de como os indivíduos se constituem, uma leitura do conhecimento produzido durante o período narrado. A HV oferece uma compreensão sobre as práticas e atividades desempenhadas e sobre como processos de aprendizagem se desenvolveram no decorrer desses episódios, ressaltando assim que o conhecimento não se desenvolve por meio de uma única prática, mas se constitui a partir de uma rede de práticas interconectadas (Ferrazza, & Antonello, 2017).

Dessa maneira, defende-se que o caminho metodológico aqui proposto pode ser usado para conduzir estudos com empreendedores, uma vez que essa metodologia pode contribuir para desvendar aspectos sobre a aprendizagem sendo



formada anteriormente ao envolvimento com uma prática empreendedora. No entanto, dada a complexidade da aprendizagem enquanto um processo de (trans)formação (Hjorth, 2003; Hjorth, & Johannisson, 2009), acredita-se que, de forma complementar, a história temática enquanto método pode ser útil para delimitar o escopo da pesquisa. Dessa forma, a metodologia da história temática é apresentada a seguir a fim de contribuir com o levantamento de dados na investigação sobre a aprendizagem de empreendedores.

2.4 História Temática como Delimitação para a Pesquisa em Aprendizagem Empreendedora

Anteriormente foi afirmado que uma história de vida contempla várias histórias de uma vida (Atkinson, 2002; Ferrazza, & Antonello, 2017; Hatch, & Wisniewski, 2003). Isso indica que em um conjunto de histórias de vida, diferentes momentos são narrados, alguns mais significativos para os narradores, outros menos. Daí a relevância do método da história temática como uma forma de investigar episódios específicos que compõem a vida de um(a) narrador(a) e que podem ser o alvo do investigador, especialmente em relação a momentos de aprendizagem.

Enquanto desdobramento do método da história temática, a entrevista temática é a participação do entrevistado no tema escolhido e, ao contrário da história de vida, que tem a ver com um caminho mais longo, desde a infância, passando por diferentes fases da vida até o momento presente, centraliza algo específico. Uma entrevista de história de vida em si contém várias entrevistas temáticas, por isso a escolha de uma em detrimento da outra deve ser baseada no objetivo desejado (Alberti, 2005). No caso da pesquisa sobre aprendizagem empreendedora, a utilização da história temática é adequada quando feita após a realização da estratégia/método de história de vida, principalmente quando houver momentos que podem ser melhores explorados por meio da narrativa do(a) empreendedor(a).

Assim, sugere-se que, primeiramente, a história de vida oral seja utilizada, pois trata-se de um momento único, com circunstâncias únicas, que produz um resultado único na medida em que relatos de uma vida são identificados (Alberti,



2012). Em uma segunda incursão ao campo empírico, recomenda-se a entrevista temática com empreendedores, visando à delimitação de determinadas práticas e atividades nas quais eles se envolveram e que, de alguma forma, permitiram a constituição de um conjunto de novos conhecimentos e levaram a um processo de aprendizado.

Em ambas abordagens metodológicas (HVO e história temática) serão obtidos relatos biográficos orais, que podem conter alguns vieses, incluindo um falso relato, ou até mesmo a interpretação imaginativa ou distorcida da realidade por parte do narrador, especialmente pelo fato de que eventos biográficos são definidos como alocações e deslocamentos no espaço social a partir de uma visão do presente sobre o passado (Bourdieu, 2015).

Isso pode ser considerado como uma crítica e uma potencial forma de enfraquecer o método, porém, quando levada em consideração, essa possibilidade torna-se um alerta para os pesquisadores que utilizam a história de vida como estratégia/método de pesquisa e a história temática complementar, para se manterem atentos à complexidade envolvida na produção de conhecimento na contemporaneidade. Especialmente considerando que os atores movem-se dentro (e apesar) das estruturas sociais (Perazzo, & Bassi, 2007). Isso fortalece a necessidade da busca da construção coletiva de conhecimento do fenômeno sob investigação, não baseando-se em apenas um relato ou considerando-o como uma verdade absoluta.

Portanto, existe o reconhecimento de que, ao realizar uma pesquisa de natureza qualitativa, deve-se tomar alguns cuidados que visam minimizar a possibilidade de construção do conhecimento baseado em relatos que de alguma forma não apontam para a realidade em que ocorreram. Sendo esse alerta o pano de fundo da pesquisa, acredita-se que o uso da narrativa, a partir das histórias de vida e de histórias temáticas, permite ao pesquisador compreender as práticas, os processos e as características culturais e estruturais do mundo social (Denzin, & Lincon, 2005). Isso parece ser suficiente para que se assumam determinados riscos que, às vezes, podem se manifestar durante estudos que possuem como escopo a investigação de fenômenos subjetivos. Tais métodos são recomendados especialmente por aderirem à investigação das práticas quando pesquisadas sob uma perspectiva histórica, na medida em que se afirma que elas contribuíram para o



desenvolvimento de processos de aprendizagem no decorrer da vida de empreendedores.

Uma vez apresentada essa proposta metodológica para a condução empírica de uma investigação sobre o processo de aprendizagem de empreendedores, avançamos para a apresentação de sua aplicação a partir de entrevistas realizadas com fundadores de *startups*, a fim de, baseando-se na narração de diferentes práticas e, conseqüentemente, nas atividades em que esses empreendedores se envolveram em sua trajetória de vida, destacar fragmentos da aprendizagem que ocorreram.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Contexto da Pesquisa

Estudar a AE a partir de uma perspectiva baseada na prática requer reflexão metodológica para torná-la viável, portanto, este estudo segue Gherardi (2012). O referido autor sugere que se investigue uma prática a partir “de fora”, focando na regularidade das atividades e dos padrões que a organizam em uma determinada prática, a partir “de dentro”, considerando o ponto de vista dos praticantes dessas atividades. Enquanto estudar as práticas a partir “de fora” concentra a atenção dos pesquisadores no fazer, estudar as práticas a partir “de dentro” permite que seja observado o aprender.

Dessa maneira, este estudo explora, por meio da proposta metodológica apresentada, como a AE ocorre entre fundadores de *startups* no contexto brasileiro, analisando narrativas de sua(s) história(s) e o envolvimento em diferentes práticas sociais, a partir do ponto de vista desses praticantes (isto é, investigação a partir “de dentro”), enquanto busca entender os padrões que constituem a atual prática empreendedora baseando-se nas narrativas retrospectivas desses empreendedores, mas também com base na observação do ecossistema empreendedor (ou seja, uma investigação a partir “de fora”).

Este estudo possui uma abordagem qualitativa e interpretativa (Creswell, 2013), considerando a linguagem como um veículo de comunicação (Colebrook, 2002). Assim, a partir das histórias de vida (Hatch, & Wisniewski, 2003) e das



histórias temáticas desses atuais empreendedores, é possível explorar e descobrir processos de aprendizagem que ocorreram em suas vidas. Acredita-se que essa abordagem auxilia a produção de narrativas que permitem aos pesquisadores conectar a vida e as histórias dos narradores na busca pela compreensão do fenômeno humano e social da aprendizagem, especialmente quando a investigação do processo de aprendizagem está ancorada em relatos históricos.

Nesse sentido, é importante destacar o papel dos pesquisadores no momento da coleta e análise dos dados, pois tornam-se verdadeiros detetives que tentam entender as narrativas obtidas (Cunliffe, & Coupland, 2011; Gherardi, & Perrotta, 2014; Simpson, 2018) e, a partir disso, construir uma teorização que contribui com o entendimento do fenômeno investigado.

3.2 Coleta de Dados

1ª Etapa: Observação. Rejeitando a ideia de uma epistemologia “espectadora”, adotou-se abordagens nas quais os pesquisadores são atraídos para o processo de investigação como participantes (Simpson, 2018). Dessa maneira, no início do processo de pesquisa, houve vários momentos em que o primeiro autor mergulhou no mundo empreendedor – acadêmico e prático – para reunir ideias e identificar aspectos que orientariam a pesquisa.

Especificamente durante três anos (2015-2018), mas com maior intensidade nos últimos nove meses antes de iniciar o trabalho de campo, esse pesquisador participou de diferentes eventos e vivenciou diferentes momentos. O autor imergiu no ecossistema empreendedor através da participação em simpósios e seminários; participação em cursos e *workshops* e teve conversas com vários indivíduos (empreendedores, professores e diferentes profissionais), todos com diferentes experiências no campo do empreendedorismo e da educação empreendedora.

Durante esse período, notas de campo foram registradas e usadas para construir um mapa mental utilizando o software *SimpleMind*. Esse processo conduziu a definição da questão de pesquisa e tornou-se o ponto de partida inicial da abordagem abductiva utilizada (Cunliffe, & Coupland, 2011; Peirce, 1931-1958; Simpson, 2018). Essa experiência empírica tornou-se uma bricolagem situada que ofereceu “pedaços de conhecimento local” do fenômeno sob investigação (Yanow,



2000, p. 262). Ao longo dessa jornada, as experiências foram contínuas e conectadas (Dewey, 1980) e oportunizaram observações iniciais que orientaram as etapas subsequentes do processo de pesquisa.

Além dessa imersão inicial no campo, o processo de coleta de dados em si foi um processo de observação, especialmente porque 19 das 39 entrevistas foram realizadas *in loco* em diferentes espaços: escritórios, *coworkings*, incubadoras e uma em um espaço público (cafeteria). Isso significa que, durante a coleta de dados, houve momentos em que o pesquisador identificou elementos contextuais. Por exemplo, enquanto esperava em uma sala uma entrevista começar, ou quando um empreendedor mostrou e explicou a estrutura organizacional da *startup* durante uma visita às instalações físicas do empreendimento.

2ª Etapa: Escutando narrativas. Vidas são moldadas por uma série de eventos, desses momentos surgem as histórias que são parte do que e de quem se é, principalmente porque elas conectam as pessoas às suas raízes (Atkinson, 2002). Assim, a narração de uma história (e as histórias que a compõe) implica na construção de uma vida (Hatch, & Wisniewski, 2003). Nesse sentido, o desafio está em identificar nessas narrativas fragmentos de *know-how*, a produção de conhecimento e o aprendizado (Gherardi, & Perrotta, 2014; Yanow, 2000). Essas narrativas, como na linguagem poética (Hjorth, 2007), buscam descrever e expressar as experiências vividas.

Por isso, acredita-se que tais narrativas, resultantes de uma ou mais histórias, são ferramentas úteis para a compreensão do processo da AE. Portanto, este estudo utiliza a história da vida oral como estratégia orientadora e método de coleta de dados (Atkinson, 2002; Hatch, & Wisniewski, 2003; Bathmaker, & Harnett, 2010). Como estratégia metodológica, é pessoal e contextualizada (Atkinson, 2002). Dessa maneira, está focada nas dimensões socioculturais das histórias de vida narradas, que revelam o impacto de períodos e eventos históricos sem negligenciar elementos como emoção e valores (Pamphilon, 1999). Para tanto, utilizando a abordagem de HVO, o primeiro autor realizou 25 entrevistas com 18 fundadores de *startups* no Brasil.

Uma história de vida contempla várias histórias sobre a vida de quem a conta (Atkinson, 2002; Hatch, & Wisniewski, 2003). Por esse motivo, após a primeira



rodada de entrevistas, foram realizadas adicionalmente 14 entrevistas semiestruturadas com outros 14 fundadores de outras *startups*³, com foco em histórias temáticas de suas vidas. Nessa rodada, de acordo com a abordagem abduativa, investigou-se profundamente partes das narrativas obtidas durante a primeira rodada de entrevistas (por exemplo: histórico familiar, educação, carreira profissional e práticas empreendedoras anteriores). Esse percurso metodológico abduativo permitiu investigar algumas especificidades sobre o processo de aprendizagem desses empreendedores, pois também se perguntou aos entrevistados o que significava para eles ser empreendedor(a) e como o processo de tornar-se um(a) se desdobrou.

Em ambas as rodadas, as entrevistas foram gravadas em áudio e, seguindo Flick (2007), os dados foram codificados com o auxílio do ATLAS.ti 7. O processo de codificação ajudou a gerenciar uma grande quantidade de dados e foi o primeiro passo na análise de dados, uma vez que, durante esse processo, foram identificadas algumas categorias preliminares.

3.3 Análise de Dados

Para analisar os dados, foram usadas duas estratégias interconectadas. Primeiramente, a análise narrativa (Pamphilon, 1999) a fim de conectar, a partir das entrevistas biográficas narrativas, os eventos, as experiências e as ações dos entrevistados (Rosenthal, 1993). Particularmente, focando no que e como foi dito, no processo interacional e dialógico entre narrador e pesquisador, e na natureza performativa do processo narrado, que inerentemente vai além do que é verbalizado (Riessman, 2005).

Ao longo desse processo, buscou-se seguir Pamphilon (1999), que sugere o movimento entre diferentes *zooms*: macro-zoom (discursos dominantes, forma narrativa), meso-zoom (processo narrativo, temas narrados, frases-chave), micro-zoom (pausas e emoções), além da interação entre esses *zooms*. Essa sequência de pesquisa é particularmente útil para pesquisadores que desejam se concentrar nas dimensões coletivas socioculturais de uma história de vida narrada e

³ Na primeira rodada de entrevistas com a abordagem de história de vida, alguns dos entrevistados enfatizaram o valor da sociedade no processo de criação de um novo negócio. Dessa maneira, ao realizamos a segunda rodada, metade dos empreendedores entrevistados (duas duplas e um trio) eram sócios em três diferentes *startups*.



identificarem o impacto de fases e eventos históricos em uma trajetória de vida, juntamente com elementos individuais.

Em segundo lugar, sabendo dos desafios de usar apenas a análise narrativa como método de análise para explorar fragmentos da aprendizagem de empreendedores, também analisou-se os dados aplicando uma lente abduativa (Cunliffe, & Coupland, 2011; Simpson, 2018). O método abduativo, enraizado no pragmatismo de Dewey, propõe que a experiência dos sujeitos (dos pesquisadores, nesse caso) fomenta a capacidade de agir criativamente e fazer uso do que está disponível (linguagem, conceitos e teorias) como ferramenta a ser usada para construir conhecimento quando, por exemplo, conexões são feitas entre passado e presente (Elkjaer, 2009, 2018).

O resultado desse processo é um pensamento reflexivo, alinhado com o posicionamento filosófico ontologicamente relacional e epistemologicamente interpretativista. Assim, a experiência do pesquisador imerso no campo é vista como uma maneira pela qual o conhecimento é gerado, uma vez que pesquisadores não são observadores neutros, mas sim aqueles que conectam sua própria experiência sensível na interação com outros durante a condução da pesquisa (Cunliffe, & Coupland, 2011).

A combinação dessas duas abordagens metodológicas – análise narrativa e abdução – resultou em um exercício de observação atenta e de reflexão (Dewey, 1980). Esse caminho metodológico revelou ser suficiente para esta pesquisa, pois o foco empírico (observação atenta) foi centrado em narrativas sobre a vida e experiências que apontavam momentos em que houve envolvimento em determinadas práticas sociais e, conseqüentemente, uma base para o desenvolvimento de conhecimentos relevantes aos entrevistados.

Ao tomar conhecimento sobre “o mundo” dos entrevistados, seguiu-se para a análise das práticas sociais, consideradas a fonte de conhecimento e aprendizado. Nesse momento, concentrou-se em diferentes elementos, tais como: atividades e ações e a ordem de interação no tempo e espaço (Gherardi, 2012). Além disso, considerou-se aspectos como: ferramentas, artefatos e outros aspectos mediadores, interesses práticos, bem como as tensões entre criatividade e normatividade, e os processos de legitimação e padronização (Nicolini, 2012). O objetivo desse olhar analítico foi delinear a experiência dos entrevistados (o processo de tornar-se



empreendedor(a)) no seu envolvimento com determinadas práticas, olhando para além das descrições realizadas (Nicolini, & Monteiro, 2016).

No geral, o caminho metodológico percorrido permitiu explorar e descobrir processos de aprendizagem que ocorreram na vida dos empreendedores participantes, dentre os quais relacionados ao empreendedorismo, mesmo antes de se envolverem em uma prática empreendedora. Os dados reunidos neste estudo fornecem uma maneira de conectar a vida e as histórias dos participantes e, assim, alcançar uma compreensão do fenômeno humano e social da aprendizagem. Os resultados revelam como fundadores de *startups* construíram um conjunto de aprendizados no decorrer de suas vidas e que contribuiu para guiá-los através de suas atuais práticas empreendedoras.

Para explorar essa compreensão da AE como um processo que ocorre na prática e constitui-se anteriormente ao envolvimento com uma ação empreendedora, os resultados da implementação da proposta metodológica para o estudo da AE serão apresentados na seção a seguir.

4 RESULTADOS

Os resultados da análise de dados sugerem que uma constelação de diferentes práticas foi responsável pelo desenvolvimento de um conjunto de aprendizados que, por sua vez, foram fundamentais para que empreendedores identificassem oportunidades e, assim, criassem uma *startup*. Mapeando e explorando essas práticas, foi possível delinear o processo da AE ocorrendo até mesmo anteriormente a prática empreendedora ser desempenhada. Assim, como pontapé inicial para apresentar esses resultados, destacamos diferentes fases da vida de empreendedores, com base nos relatos obtidos.

4.1 A Vida de um(a) Empreendedor(a): Uma Visão Ampla

Depois de realizar o trabalho de campo e analisar os dados conforme descrito anteriormente, identificou-se o papel e o impacto do contexto na AE (Toutain et al., 2017). Ao fazê-lo, foi possível verificar a existência de um processo de AE ocorrendo durante a atual prática empreendedora desempenhada pelos



entrevistados (Cowdean, Whitby, Bradley, & McGowan, 2019). Porém, também emergiu em algumas das entrevistas realizadas, especialmente quando os participantes expressaram a conexão entre o que eles estavam experienciando naquele momento da vida e o passado, a existência de uma preparação empreendedora (Festervand, & Forrest, 1993; Wang, Rafiq, Li, & Zheng, 2014) que se constituiu no decorrer da vida.

Como o objetivo da pesquisa é explorar as experiências anteriores na busca de compreensão do processo AE sendo constituída como uma jornada que começou antes da realização da atual prática empreendedora, foi possível identificar várias fases da vida dos fundadores de *startups* entrevistados.

A primeira fase, denominada de “vendendo limonada”, é essencialmente o período que vai desde a infância até a juventude (ou seja, o final do ensino médio, antes do início da faculdade). Durante esse tempo, foi observado um conjunto de várias experiências que os indivíduos tiveram ao vincularem-se com diferentes práticas sociais. Dentre elas algumas ligadas aos negócios da família, ou até mesmo estabelecendo seus próprios negócios na escola (como, por exemplo, fabricando e vendendo pulseiras, organizando viagens à parque de diversão). Além disso, alguns dos entrevistados relataram que nesse período ganharam experiência realizando trabalhos temporários. Segundo Rae e Carswell (2001), essas experiências são importantes porque fornecem aos empreendedores – mesmo que não estejam conscientes disto – uma base de conhecimentos conectada com experiências da realidade do mundo dos negócios e da qual eles podem precisar mais tarde na vida.

A segunda fase, denominada de “educação formal”, refere-se ao período durante o qual os empreendedores frequentaram a faculdade. A ênfase aqui não é se os empreendedores tiveram algum tipo de educação empreendedora (Hahn, Minola, Van Gils, & Huybrechts, 2017), mas foi enquanto alguns deles estavam na faculdade que também iniciaram algum tipo de negócio. Em alguns casos, esses empreendimentos não mais existem, mas em outros, ainda são os negócios com os quais os empreendedores estão atualmente envolvidos. Independentemente disso, esse é um momento da vida em que os empreendedores aprendem sobre sua área de formação (o *background* educacional dos 32 empreendedores é bastante diverso), mas também é um período para construir uma rede de relacionamentos.



A terceira fase, intitulada “experiência profissional”, aplica-se àqueles que não iniciaram um empreendimento enquanto cursavam educação em nível superior, mas seguiram para o mercado de trabalho. É importante notar que essa fase não ocorre necessariamente após ou independentemente da fase de “educação formal”. Essas duas fases podem se desdobrar simultaneamente, por exemplo, no decorrer de um estágio durante a faculdade ou quando o ensino superior foi iniciado enquanto alguma atividade profissional já estava sendo desenvolvida. A experiência profissional revelou-se importante para alguns empreendedores pelo fato de adquirirem um conjunto de experiências e aprendizados, bem como despertar a vontade de iniciarem uma ação empreendedora.

A quarta fase, denominada de “prática empreendedora anterior”, ocorre quando os atuais fundadores de *startups* já possuem algum nível de experiência empreendedora, tendo iniciado e administrado algum negócio próprio em um ambiente tradicional (por exemplo: pequenos negócios como franquias). Ou seja, empreendimentos não relacionados com o uso de tecnologia (ou outra indústria permeada pela inovação), que é onde os participantes operam atualmente. Essas experiências empreendedoras anteriores à atual como fundador(a) de uma *startup* são provenientes de tentativas de empreender que surgiram após o período de educação formal, ou após alguns terem tido algum tipo de atuação profissional no mercado de trabalho.

Essas quatro fases correspondem a períodos na vida anteriores ao início da atual prática empreendedora em que os entrevistados estão atualmente engajados. Essa visão ampla de diferentes trajetórias oferece uma noção das várias práticas sociais em que os empreendedores se envolveram e das experiências que obtiveram. Além disso, pode-se perceber que existem outras experiências que também permeiam essas fases, como praticar esportes, ter algum tipo de *hobby* ligado à música ou à leitura, viajar ou participar de cursos ou eventos. Isso revela que existe uma conexão entre momentos, pessoas e atividades que vão além do que pode ser identificado no contexto fornecido pelas quatro fases se elas fossem analisadas independentemente uma das outras. Enfatiza-se isso para evitar a ideia de que as quatro fases desdobram-se isoladamente, sem uma conexão entre elas ou com outros momentos da vida não capturados nessas fases. O objetivo é oferecer uma visão ampla da trajetória de vida dos empreendedores, ao mesmo



tempo em que se busca apontar as conexões entre diferentes experiências a fim de colaborar para uma compreensão mais enriquecedora do complexo processo da aprendizagem e do empreender.

Em um olhar minucioso dessas quatro fases, percebe-se um elemento comum que pode surgir durante as três primeiras, não como uma prática social e, conseqüentemente, como uma experiência, mas como um importante aspecto do processo de empreender: o desejo de tornar-se um(a) empreendedor(a). Por exemplo, conforme expresso por alguns dos entrevistados que contaram como sempre tiveram o desejo de tornarem-se empreendedores, empreender era considerado um *status quo* da vida, especialmente na fase “vendendo limonada”. No caso daqueles que sempre desejaram empreender e tiveram algum tipo de experiência profissional, o argumento era que trabalhar seria uma maneira de alcançar algum tipo de conhecimento prévio (e os recursos necessários) para um dia tornarem-se empreendedores e ao fazê-lo, fazer isso de forma “melhor”, em virtude do conhecimento prévio adquirido.

Os participantes que reconheceram o desejo de tornarem-se empreendedores durante o período em que desenvolviam algum tipo de atividade profissional atribuíram o surgimento e o aumento desse desejo à insatisfação e à vontade de mudar de carreira e, em alguns casos, ao fato de terem sido demitidos, situação essa que se tornou uma oportunidade de mudança, frente à opção de reinserção no mercado de trabalho. Outras razões que impactam o desejo de tornar-se um(a) empreendedor(a) também incluem a perspectiva de busca por independência ou ainda ganhar mais dinheiro com um negócio autônomo. Alguns participantes também expressaram que as razões acima citadas podem existir em conjunto com o desejo de fazer algo diferente de qualquer coisa que já tenham feito em suas vidas pessoais e profissionais, ou ainda com o desejo de ajudar os outros no sentido de gerar empregos, oportunizar novas soluções para resolver determinados problemas.

Família também aparece como um elemento importante em todas as fases, particularmente na primeira e na segunda fase. Alguns empreendedores, por exemplo, relataram terem crescido em uma família empreendedora, portanto, desde cedo (infância ou adolescência) tiveram incentivo (ou orientação contrária) para empreender. Para outros, família tornou-se a razão para empreender. Outro



elemento importante que permeou todas as fases dos empreendedores foi o relacionamento com pessoas. Quando os fundadores das *startups* falaram sobre suas experiências com empreendedorismo, tanto no passado como no presente, destacaram a importância de estar continuamente em contato com pessoas. Isso incluiu a criação de sociedade, firmar parcerias e a busca de mentores (Sullivan, 2000). Citando isso, os entrevistados reforçaram a necessidade de relacionamentos com outras pessoas como fonte de conhecimento e potenciais formas de desenvolvimento de aprendizados.

Uma vez apresentado esse quadro amplo da vida dos empreendedores por meio da utilização de estratégia/método da história de vida e da entrevista temática, é preciso expôr os resultados que revelam fragmentos do processo de aprendizagem na trajetória de vida de empreendedores que apontam para o desenvolvimento da AE antes mesmo do envolvimento em uma prática empreendedora.

4.2 Aprender a partir do Envolvimento nas Práticas durante a Trajetória de Vida

A trajetória de vida é um incessante processo de aprendizado (Hjorth, & Johannisson, 2009). Para os fundadores de *startups* entrevistados não foi diferente. Assim, focando principalmente no conhecendo na prática (Gherardi, & Strati, 2014), conectando experiências, que potencialmente forneceram um conjunto de aprendizados que se tornaram relevantes para a atuação enquanto empreendedor(a), destaca-se que diferentes práticas são fonte de conhecimento, permitindo que os indivíduos aprendam e desenvolvam uma preparação empreendedora (Wang, Rafiq, Li, & Zheng, 2014).

Dessa maneira, por meio das narrativas dos participantes sobre suas vidas e experiências vividas, explorou-se diferentes momentos do conhecendo na prática que são destacados com excertos das entrevistas. Por exemplo, um participante (E8) mencionou que “meu aprendizado[...] começou quando comecei a trabalhar com meu pai quando eu tinha 14 anos de idade”. Outro participante narrou que, também durante a fase “vendendo limonada”, enquanto cursava o ensino médio, ganhou experiência fazendo pequenos negócios: “aprendi a comprar o produto [semijoias], perceber que não vendia, ficava parado, tinha que vender abaixo do



custo, tinha inadimplência, tinha que persuadir [os outros a comprar], superar obstáculos, enfim [...] Eu comecei muito cedo” (E14).

Na fase “educação formal”, alguns dos empreendedores não tiveram e nem buscaram por educação empreendedora, mesmo aqueles que fizeram cursos nas áreas de negócios. E mesmo aqueles que tiveram contato com essa temática na faculdade não reconhecem a forma e o conteúdo como algo que tenha sido útil para tornarem-se empreendedores(as). Em geral, existe o reconhecimento da importância do ensino superior na formação, mas como expressado por um participante: “o valor que a educação formal teve em minha vida é esplêndido, não por causa da ementa, ou o que estava escrito nela, mas por causa das portas que me abriu” (E19). Em outra situação, ao falar sobre a aprendizagem para o empreender, o entrevistado E5 narrou que, durante a faculdade (no curso de Engenharia da Produção), era membro do conselho estudantil (e da empresa júnior), destacando como era importante ter tido algum tipo de envolvimento prático como, por exemplo, na organização das festas promovidas pelo diretório acadêmico: “temos que ter uma festa, cotar fornecedor, planejar, fazer um cronograma; [empreender] está muito mais perto de organizar uma festa promovida pelo diretório acadêmico do que resolver um problema de mecânica dos sólidos”.

Durante a fase de “experiência profissional”, o aprender na prática também foi apontado. O empreendedor (E3) relatou que sabia que “precisava aprender a empreender” antes de tornar-se um empreendedor, por isso decidiu ganhar experiência, enfatizando que fazia isso “com o dinheiro dos outros”. Como resultado, começou a trabalhar em uma *startup* algumas horas por dia, de graça, com o objetivo de trabalhar junto com o fundador para que aprendesse com ele e com o contexto daquele empreendimento⁴. Outro exemplo que ressalta o aprender na prática é o relato do participante E17, ele aprendeu sobre contabilidade ao trabalhar em um banco, não enquanto cursou a faculdade de administração de empresas.

O participante E29 também narrou ter ganhado experiência durante seu primeiro emprego atuando com metodologias ágeis de desenvolvimento de *softwares*. Atualmente utiliza esse conhecimento e é responsável da área de tecnologia na *startup* que fundou com outros sócios. Esses exemplos mostram que,

⁴ Embora outro participante (E9) também tenha manifestado o desejo de ganhar experiência (conhecimento e aprendizado) trabalhando para uma *startup*, ele narrou o processo de tentativa e a frustração por não ter conseguido.



independentemente do tipo de atividade, os entrevistados vivenciaram momentos em que o conhecer pelo envolvimento com uma determinada prática social foi importante, independentemente do tipo de experiência e do aprendizado adquirido. Por exemplo, a entrevistada E15, ao relatar sobre trabalhar para uma pequena empresa, afirmou que: “Eu fazia tudo lá. Eu costumava fazer café e tinha reunião com presidentes de grandes cadeias de hotéis [...] Então, foi muito bom para mim e hoje tenho essa maturidade, essa percepção, para ver que aquilo foi fundamental para o meu desenvolvimento empreendedor”.

Como apontado nos exemplos citados, o conhecendo na prática desdobra-se com base no engajamento em determinadas práticas, podendo, assim, também ser fruto da experiência no envolvimento com uma prática empreendedora anterior. Como no caso do empreendedor E1 que mencionou que hoje, quando conversa com alguém sobre o processo de busca de investimento para uma ideia, frisa que em sua prática empreendedora anterior (uma *software house*), o foco não estava em buscar recursos externos via investidores, mas no desenvolvimento do maior número de sistemas possíveis para que pudessem vender mais e assim ter dinheiro para o mês seguinte. Ao mesmo tempo, destacou como foi importante aprender a dizer “não” para alguns projetos porque, em sua experiência, “sabia” (aprendeu) que se tornar *workaholic* não resolveria os problemas financeiros da empresa, pois cada novo projeto trazia consigo seus desafios, com os quais a equipe precisava lidar e, conseqüentemente, perdia tempo fazendo isso. Na narrativa desse entrevistado, ao relacionar o presente com o passado, foi utilizada várias vezes a expressão “eu sabia”, informando que houve uma aprendizagem no decorrer da prática desempenhada.

De forma semelhante, outro fundador de *startup* ressaltou que possui determinado conhecimento afirmando: “já passei por isso antes” (E5), sugerindo que o envolvimento em uma prática empreendedora anterior resultou em conhecimento prévio, permitindo sua preparação empreendedora. Similarmente, o entrevistado E27 destacou sua experiência empreendedora anterior em um negócio tradicional, dizendo que “muito do que estou aplicando hoje na [nome da *startup* no setor de saúde] eu aprendi no restaurante. O restaurante, para mim, foi o melhor MBA que eu poderia ter feito. Se eu tivesse cursado um MBA de verdade, não teria aprendido metade do que aprendi no restaurante”.



Outros exemplos (E1, E5 e E27) demonstram episódios do conhecer na prática ligados a uma prática empreendedora anterior. No entanto, o processo de aprendizagem na prática também ocorre no decorrer da criação do atual empreendimento. O relato do entrevistado E2 aponta para isso quando narra o processo de reconhecimento da oportunidade: enquanto ele e alguns colegas aplicavam o conceito de *lean startup* para validar uma ideia entre potenciais clientes, disse que eles perceberam com isso que “havia algo lá”, ou seja, essa constatação só foi possível em virtude do processo de validação empírica da ideia em questão. Nesse sentido, o conhecer/aprender na prática permeou o reconhecimento da oportunidade, o amadurecimento da ideia, mas também a etapa do desenvolvimento do negócio.

Na sequência do relato desse empreendedor, ele também abordou que no decorrer do processo de construção do empreendimento, ele e os demais sócios não prestaram atenção em um detalhe, percebendo essa lacuna somente depois de tentar lançá-lo comercialmente: “nós aprendemos isso na prática, se tivéssemos olhado isso antes, teria sido muito melhor, mas está tudo bem, nós aprendemos”. Essa situação foi semelhante à enfrentada por outro participante (E3), que revelou ter lançado o negócio sem um modelo de receita. Esse reconhecimento sobre a necessidade de realizar mudanças enquanto a ideia está sendo desenvolvida e testada, em virtude do aprendizado adquirido no caminho, também foi apontado por outro empreendedor (E6).

As experiências anteriores e o envolvimento com uma prática empreendedora (e as experiências que surgem a partir dela) permitem evitar erros e encontrar atalhos para que se faça diferente e, em alguns casos, melhor. O participante E20, por ser um empreendedor no campo da mobilidade urbana, questionou se teria ajudado, no período que começou a desenvolver o negócio, experimentar ser motorista para poder conversar com os clientes e entender o que eles desejavam do serviço, podendo conhecer de forma antecipada alguns dos desafios e as dificuldades que poderiam surgir. Posto que não existe previsibilidade em determinadas questões do empreender, ganha-se conhecimento e aprende “só depois de colocar a mão na massa” (E12), como apontado em uma entrevista. Talvez por esse motivo o participante (E23) também tenha expressado que “se eu



fizesse isso de novo [desenvolve a *startup* do zero], eu faria isso na metade do tempo”.

Mais uma vez, como apontado acima, o conhecer/aprender na prática se desdobra com base em experiências anteriores e no envolvimento atual com alguma prática. Podendo desenvolver-se durante várias atividades cotidianas, mesmo em práticas que podem, à primeira vista, não estarem relacionadas ao mundo dos negócios. Por exemplo, o participante (E23) destacou ter um perfil disciplinado em virtude de ter tido uma rotina, por alguns anos, de treinamento como tenista e músico. Ressaltou que a repetição fez com que ele se aprimorasse na realização dessas atividades e que o processo como um todo desenvolveu habilidades pessoais e uma mentalidade que o incentivaram a ser persistente.

Outros empreendedores (E2; 3; 5; 19-24; 26-29; 31-32) também enfatizaram a contribuição de alguns *hobbies*, principalmente esportes, antes ou durante a atual prática empreendedora, como forma de experiências e conhecimentos úteis para desenvolver e/ou conduzir um negócio. Isso demonstra como o conhecer na prática está relacionado a um fazer, isto é, requer envolvimento em uma prática, mas o fazer, no sentido de praticar, não é a única maneira de aprender (Gherardi, 2009). Principalmente porque o conceito do conhecer na prática também engloba o aprender vicariamente com outros. Um exemplo disso seria a leitura de um livro sobre as experiências de alguém, atividade que permite o acesso ao conhecimento e ao aprendizado que muitos dos participantes (E2; 3; 6; 8; 11; 12; 14; 15; 17; 23; 25-29; 31) mencionaram durante as entrevistas.

Todas as experiências citadas até então estão ligadas a determinadas práticas sociais, as quais ajudaram os empreendedores a saberem como fazer algo depois de terem feito isso por si mesmos, ou terem lido ou ouvido alguém falar sobre sua própria experiência, ou até mesmo visto alguém fazer. Assim, é possível aprender o que se pode e o que se deve fazer, o que funciona e dá certo, mas também é possível aprender o que não dá certo, como narrado pelo participante E30 ao afirmar que “a partir de uma situação imprevista, dá para fazer as coisas de maneira diferente da próxima vez”. Nesse sentido, estar ciente do que fazer – ou não fazer – é um resultado que surge da participação em práticas sociais que fornecem um solo fértil para o conhecer. Pois, como revelam os resultados da pesquisa, o envolvimento em várias práticas permite que os indivíduos desenvolvam



uma ampla gama de conhecimentos e aprendizados que os capacitam a prepararem-se para a jornada empreendedora mesmo antes dela começar.

Por isso, enfatizamos que as experiências passadas têm um papel proeminente no processo de empreender, embora talvez nem sempre como uma influência direta, como pode ser percebido no relato a seguir:

Por um tempo, meu *hobby* foi pintar quadros e camisetas, coisas artísticas. Isso não tem nada a ver com a minha formação educacional, mas acabo aproveitando minhas habilidades artísticas para trabalhar em telas, planilhas de dados, representações gráficas e apresentações; isso é uma coisa mais estética que acabo transferindo para o meu negócio (E22).

Portanto, é no decorrer da trajetória de vida que surgem os fragmentos da aprendizagem, na medida em que os atuais empreendedores engajaram-se em diferentes práticas sociais e desenvolveram conhecimentos oriundos dessas experiências. Esses conhecimentos, em determinados casos, foram relevantes para a preparação empreendedora, para o reconhecimento de oportunidades e para a condução do atual empreendimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contar histórias é parte da natureza humana e, mais do que apenas relatar sobre experiências, também contribui para a compreensão de processos sociais, como o da aprendizagem. Dessa forma, esta pesquisa propôs que, a partir da história oral da vida de fundadores de *startups* e do uso de entrevistas temáticas com esses empreendedores, seria possível a geração de narrativas que revelassem processos de aprendizagem que ocorreram antes da atual ação empreendedora que eles estão engajados. Defendeu-se que a história de vida oral fornece narrativas que permitem conectar a vida e as histórias dos indivíduos participantes na busca da compreensão do processo de construção da aprendizagem, em especial da aprendizagem empreendedora.

Assim, utilizando a lente da abordagem da prática como perspectiva teórica, este trabalho apresentou a história de vida oral como possibilidade metodológica para estudos sobre a aprendizagem empreendedora a fim de sugerir uma agenda de pesquisa que utilize essa estratégia/método na investigação de processos de



aprendizagem vivenciados por empreendedores no decorrer de sua vida. Recomendou-se também que a história temática seja utilizada de forma complementar à história de vida, pois amplia a geração de narrativas que auxiliam os pesquisadores na construção de relatos que apontam episódios em que a aprendizagem ocorreu devido à participação em práticas sociais e, conseqüentemente, em determinadas atividades.

Com base no argumento de que as histórias orais de vida podem ser consideradas tanto uma estratégia quanto uma possibilidade metodológica, quando utilizada como um método de pesquisa, as narrativas resultantes desse método apontam fragmentos de aprendizagem que ocorreram no envolvimento com determinadas práticas sociais. Assim, para o tratamento dos dados coletados, a análise da narrativa é considerada uma possibilidade de acesso a esse processo de conhecer e aprender. E, embora os estudos baseados nas práticas sejam conhecidos como uma abordagem pós-humanista, na medida em que eliminam a centralidade do ser humano no processo de pesquisa ao buscar uma ruptura com dualidades que fracionam o mundo social, argumenta-se que o agente humano é indispensável para viabilizar a pesquisa acadêmica e fornecer informações sobre suas experiências, especialmente no caso de pesquisas com resgate histórico em um longo período de tempo.

Com base na aplicação empírica da proposta metodológica da pesquisa, embora a história de vida de cada empreendedor(a) seja única, os resultados revelaram que se pode entender suas vidas ao longo de um período composto por quatro fases principais: “vendendo limonada”, “educação formal”, “experiência profissional” e “prática empreendedora anterior”. No decorrer dessas fases, foi identificado o engajamento com diferentes práticas. Dado que as práticas sociais são consideradas fonte de aprendizagem, foram reconhecidos processos de aprendizagem que se tornaram relevantes para a atual prática empreendedora.

A sugestão da agenda de pesquisa que se propõe com a implementação da proposição metodológica oferecida alinha-se com o que Wang et al. (2015, p. 236) sugerem ao afirmarem que “mais pesquisas são necessárias para entender como os empreendedores aprendem na vida real e se preparam para o desafios do empreendedorismo”, mesmo que, até então, com os esforços realizados na busca pela compreensão de como os empreendedores aprendem, ainda exista uma lacuna



empírica para revelar os diferentes contextos em que os empreendedores aprenderam e se prepararam para o empreendedorismo.

Portanto, torna-se responsabilidade dos pesquisadores desenvolver estudos que preencham as lacunas existentes e forneçam respostas para o entendimento da aprendizagem empreendedora. Por essa razão, este artigo aponta como recomendação a contribuição da história de vida oral e da entrevista temática a fim de que sejam consideradas como ferramentas facilitadoras para futuros pesquisadores interessados em revelar processos de aprendizagem dos empreendedores, não apenas em momentos anteriores à prática do empreendedorismo, mas também durante o processo de empreender e conduzir um negócio.

6 REFERÊNCIAS

Agbim, K. C., Owutuamor, Z. B., & Oriarewo, G. O. (2013). Entrepreneurship Development and Tacit Knowledge: Exploring the Link between Entrepreneurial Learning and Individual Know-How. *Journal of Business Studies Quarterly*, v. 5(2), pp. 112-129.

Alberti, V. (2012). De “versão” a “narrativa” no Manual de história oral. *História Oral*, v. 15(2), pp. 159-166.

Alberti, V. (2005). *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Andrade, J. R. G., & Olave, M. E. L. (2015). Aprendizagem empreendedora experiencial: estudo de múltiplos casos de pequenos empreendedores sergipanos. *Revista Da Micro E Pequena Empresa*, v. 9(2), pp. 44-60.

Arantes, F. P., Freitag, M. S. B., & Santos, E. L. S. (2018). Improvisação e Aprendizagem de Empreendedores Informais: A Experiência de Empreendedores Feirantes. *Regepe*, v. 7(3), pp. 1-31.

Atkinson, R. (2002). The Life Story Interview. In: Gubrium, J. F., & Holstein, J. A. (Eds.), *Handbook of Interview Research: Context and Method*. London: Sage, pp. 121-141.

Bathmaker, A.-M., & Harnett, P. (2010). *Exploring learning, identity and power through life history and narrative research* (Bathmaker, A. -M., & Harnett, P. - Eds.). New York: Routledge.

Baumol, W. J. (1968). *Entrepreneurship in economic theory*. Annual Meeting of the American Economic Association, Chicago.

Bourdieu, P. (2015). A ilusão biográfica. In: De Figueiredo, J. P. A. B., & Ferreira, M. D. M. (Eds.), *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, pp. 183-191.

Burke, P. (2005). Theorists and Historians. In: Burke, P. (Ed.), *History and Social Theory*. New York: Cornell University Press, pp. 1-20.



Cappelle, M. C. A., Borges, C. L. P., & Miranda, A. R. A. (2010). *Um Exemplo do Uso da História Oral como Técnica Complementar de Pesquisa em Administração*. VI Encontro de Estudos Organizacionais da Anpad - EnEO, Florianópolis.

Closs, L., & Antonello, C. S. (2012). História de Vida: Suas possibilidades para a investigação de processos de aprendizagem gerencial. *Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, v. 10(1), pp. 105-137.

Closs, L., & Antonello, C. S. (2008). *O Uso do Método de História de Vida Para Compreensão dos Processos de Aprendizagem Gerencial*. XXXII EnANPAD, Rio de Janeiro.

Colebrook, C. (2002). *Gilles Deleuze*. London: Routledge.

Cope, J., & Watts, G. (2000). Learning by doing – An exploration of experience, critical incidents and reflection in entrepreneurial learning. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, v. 6(3), pp. 104-124.

Cowdean, S., Whitby, P., Bradley, L., & McGowan, P. (2019). Entrepreneurial learning in practice: The impact of knowledge transfer. *Industry and Higher Education*, v. 33(1), pp. 30-41.

Creswell, J. W. (2013). *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches*. 4. ed. Thousand Oaks: Sage Publications.

Cunliffe, A., & Coupland, C. (2011). From hero to villain to hero: Making experience sensible through embodied narrative sensemaking. *Human Relations*, v. 65(1), pp. 63-88.

Deakins, D., & Freel, M. (1998). Entrepreneurial learning and the growth process in SMEs. *The Learning Organization*, v. 5(3), pp. 144-155.

Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2005). *The SAGE Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks: Sage Publications.

Dewey, J. (1980). *Art as Experience* (23rd Impression). New York: G. P. Putnam's Sons.

Elkjaer, B. (2018). Pragmatism: Learning as creative imagination. In: Illeris, K. (Ed.), *Contemporary Theories of Learning: Learning Theorists... In Their Own Words*. 2. ed. New York: Routledge, pp. 66-82.

Elkjaer, B. (2009). Pragmatism: a learning theory for the future. In: Illeris, K. (Ed.), *Contemporary Theories of Learning: Learning Theorists... In Their Own Words*. New York: Routledge.

Ferrazza, D. S., & Antonello, C. S. (2017). O Método de História de Vida: Contribuições para a Compreensão de Processos de Aprendizagem nas Organizações. *Gestão.Org*, v. 15(1), pp. 22-36.

Ferreira, M. d. M., Fernandes, T. M., & Alberti, V. (2000). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Festervand, T. A., & Forrest, J. E. (1993). Entrepreneurial Preparedness: A Multi-Stage Model. *Journal of Business and Entrepreneurship*, v. 5(3).

Flick, U. (2007). *Designing Qualitative Research*. London: SAGE Publications.

Gaffuri, E. L., & Ichikawa, E. Y. (2016). *Num Novo País: a História de Vida de João, Imigrante e Negro e sua Territorialização pela Visão de seu Cotidiano*. XL Encontro Nacional da Anpad - EnANPAD, Costa do Sauípe.



Gartner, W. B. (1988). "Who is an Entrepreneur?" Is the Wrong Question. *American Journal of Small Business*, v. 12(4), pp. 11-32.

Gherardi, S. (2012). *How to conduct a practice-based study: Problems and methods*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing.

Gherardi, S. (2009). Knowing and learning in practice-based studies: an introduction. *The Learning Organization*, v. 16(5), pp. 352-359.

Gherardi, S. (2006). *Organizational Knowledge: The Texture of Workplace Learning*. Oxford: BlackWell Publishing.

Gherardi, S., & Perrotta, M. (2014). Between the hand and the head: How things get done, and how in doing the ways of doing are discovered. *Qualitative Research in Organizations and Management*, v. 9(2), pp. 134-150.

Gherardi, S., & Strati, A. (2014). *Administração e aprendizagem na prática*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Habermas, J. (1990). *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos* (2. ed ed.). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Hafeez, K., Foroudi, P., Nguyen, B., Gupta, S., & Alghatas, F. (2018). How do entrepreneurs learn and engage in an online community-of-practice? A case study approach. *Behaviour & Information Technology*, v. 37(7), pp. 714-735.

Hahn, D., Minola, T., Van Gils, A., & Huybrechts, J. (2017). Entrepreneurial education and learning at universities: exploring multilevel contingencies. *Entrepreneurship & Regional Development*, v. 29(9-10), pp. 945-974.

Harrison, R. T., & Leitch, C. M. (2008). *Entrepreneurial Learning: Conceptual frameworks and applications* (R. T. Harrison & C. M. Leitch Eds.). New York: Routledge Taylor & Francis Group.

Hatch, J. A., & Wisniewski, R. (2003). *Life History and Narrative*. London: The Falmer Press.

Hjorth, D. (2007). Lessons from Iago: Narrating the event of Entrepreneurship. *Journal of Business Venturing*, v. 22(5), pp. 712-732.

Hjorth, D. (2003). In the Tribe of Sisyphus: Rethinking Management Education from an "Entrepreneurial" Perspective. *Journal of Management Education*, v. 27(6), pp. 637-653.

Hjorth, D., & Johannisson, B. (2009). Learning as an Entrepreneurial Process. *Revue de l'Entrepreneuriat*, v. 8(2), pp. 57-78.

Ichikawa, E. Y., & Santos, L. W. d. (2006). Contribuições da História Oral à pesquisa organizacional. In: Godoi, C. K., Bandeira-de-Melo, R., & Silva, A. B. (Eds.), *Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, pp. 181-205.

Itelvino, L. d. S., Costa, P. R. da, Gohn, M. d. G. M., & Ramacciotti, C. (2015). *Processo de Formação do Empreendedor Social: Um Estudo a partir de Narrativas de História de Vida*. XXXIX Encontro Nacional da Anpad - EnANPAD, Belo Horizonte.

Jaime, P., Godoy, A. S., & Antonello, C. S. (2007). *História de Vida: Origens, Debates Contemporâneos e Possibilidades no Campo da Administração*. I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade - EnEPQ, Recife.



Jones, G. R. (1983). Life History Methodology. In G. Morgan (Ed.), *Beyond Method*. London: SAGE Publications, pp. 147-159.

Kirzner, I. M. (1973). *Competition and Entrepreneurship*. Chicago: University of Chicago Press.

Kuckertz, A., & Prochotta, A. (2018). What's Hot in Entrepreneurship Research 2018? *Hohenheim Entrepreneurship Research Briefs*, v. 4, pp. 1-7.

Kuratko, D. F., Morris, M. H., & Schindehutte, M. (2015). Understanding the dynamics of entrepreneurship through framework approaches. *Small Business Economics*, v. 45(1), pp. 1-13.

Lefebvre, V., Radu Lefebvre, M., & Simon, E. (2015). Formal entrepreneurial networks as communities of practice: a longitudinal case study. *Entrepreneurship & Regional Development*, v. 27(7-8), pp. 500-525.

Mageste, G. de S., & Lopes, F. T. (2007). *O Uso da História de Vida nos Estudos Organizacionais*. I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade - EnEPQ, Recife.

McClelland, D. C. (1972). *A sociedade competitiva realização e progresso social: Expressão e Cultura*.

Minniti, M., & Bygrave, W. (2001). A Dynamic Model of Entrepreneurial Learning. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 25(3), pp. 5-16.

Morgan, G., & Smircich, L. (1980). The case for qualitative research. *Academy of Management Review*, v. 5(4), pp. 491-500.

Moroz, P. W., & Hindle, K. (2012). Entrepreneurship as a process: Toward harmonizing multiple perspectives. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 36(4), pp. 781-818.

Murphy, J. (1993). Self-Evaluation & Effectiveness Review for Entrepreneurial Learning and Decision Making. *Journal of Enterprising Culture*, v. 1(01), pp. 109-131.

Nicolini, D. (2012). *Practice theory, work, and organization: An introduction*. 1. ed. Oxford: University Press.

Nicolini, D., & Monteiro, P. (2016). The practice approach: for a praxeology of organizational and management studies. In: Langley, A., & Tsoukas, H. (Eds.), *The SAGE handbook of process organization studies*. 1. ed. London: Sage Publications, pp. 110-126.

Olesen, H. S. (2011). Exploração do sujeito problemático: história de vida, subjetividade, experiência de vida. *Educação*, v. 34(2), pp. 137-146.

Oliveira, E. de J., Correa, D. A., & Delboni, C. (2017). *Meu nome é Ozires, Ozires Silva: a história de vida e de carreira de um empreendedor na perspectiva da teoria desenvolvimentista de Donald Super*. EnGPR, Curitiba.

Pamphilon, B. (1999). The Zoom Model: A Dynamic Framework for the Analysis of Life Histories. *Qualitative Inquiry*, v. 5(3), pp. 393-410.

Peirce, C. S. (1931-1958). *The collected papers of Charles Sanders Peirce*. In: Hartshorne, C., Weiss, P., & Burks, A. W. (Eds.), (v. 1-8). Cambridge, MA: Cambridge University Press.



Perazzo, P. F., & Bassi, C. S. (2007). *Possibilidades do Método de História Oral nos Estudos em Administração*. I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade - EnEPQ, Recife.

Rae, D. (2017). Entrepreneurial learning: peripherality and connectedness. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, v. 23(3), pp. 486-503.

Rae, D. (2005). Entrepreneurial learning: a narrative-based conceptual model. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, v. 12(3), pp. 323-335.

Rae, D. (2004). Entrepreneurial learning: a practical model from the creative industries. *Education + Training*, v. 46(8/9), pp. 492-500.

Rae, D., & Carswell, M. (2001). Towards a conceptual understanding of entrepreneurial learning. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, v. 8(2), pp. 150-158.

Rae, D., & Carswell, M. (2000). Using a life-story approach in researching entrepreneurial learning: the development of a conceptual model and its implications in the design of learning experiences. *Education + Training*, v. 42(4/5), pp. 220-227.

Rae, D., & Wang, C. L. (2015). *Entrepreneurial Learning: New perspectives in research, education and practice* (Rae, D., & Wang, C. L. - Eds.). New York: Routledge Taylor & Francis Group.

Reckwitz, A. (2002). Toward a Theory of Social Practices: a development in culturalist theorizing. *European Journal of Social Theory*, v. 5(2), pp. 243-263.

Reis, D. G. d., & Antonello, C. S. (2006). Ambiente de mudanças e aprendizagem nas organizações: contribuições da análise da narrativa. *Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, v. 4(2), pp. 176-193.

Riessman, C. K. (2005). Narrative Analysis. In: Kelly, N., Horrocks, C., Milnes, K., Roberts, B. & Robinson D. (Eds.), *Narrative, memory and everyday life*. Huddersfield: University of Huddersfield, pp. 135-142.

Rosenthal, G. (1993). Reconstruction of life stories: Principles of selection in generating stories for narrative biographical interviews. *The narrative study of lives*. v. 1(1), pp. 59-91.

Schatzki, T. R. (2002). *Site of the social: A philosophical account of the constitution of social life and change*. University Park, PA: Pennsylvania State University Press.

Secundo, G., Del Vecchio, P., Schiuma, G., & Passiante, G. (2017). Activating entrepreneurial learning processes for transforming university students' idea into entrepreneurial practices. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, v. 23(3), pp. 465-485.

Shane, S., & Venkataraman, S. (2000). The Promise of Entrepreneurship as a Field of Research. *The Academy of Management Review*, v. 25(1), pp. 217-226.

Silva, J. C. P. da, Lima, T. C. B. de, Paiva, L. E. B., & Lima, M. A. M. (2017). Aprendizagem empreendedora: estudo com gestores de tecnologia da informação. *RACE - Revista de Administração, Contabilidade e Economia*, v. 16(3), pp. 1009-1034.

Simpson, B. (2018). Pragmatism: A Philosophy of Practice. In: Cassell, C., Cunliffe, A. L., & Grandy, G., (Eds.), *The SAGE Handbook of Qualitative Business and Management Research Methods: History and Traditions*. Thousand Oaks: Sage.



Smilor, R. W. (1997). Entrepreneurship: Reflections on a subversive activity. *Journal of Business Venturing*, v. 12(5), pp. 341-346.

Sombra, L. L. (2008). Gadamer e Habermas: os atritos da linguagem. *Intuitio*, v. 1(2), pp. 171-187.

Strati, A. (2003). Knowing in practice: aesthetic understanding and tacit knowledge. In: Nicolini, D., Gherardi, S., & Yanow, D. (Eds.), *Knowing in Organizations*. New York: M.E. Sharpe, pp. 53-75.

Strati, A. (2007). Sensible Knowledge and Practice-based Learning. *Management Learning*, v. 38(1), pp. 61-77.

Sullivan, R. (2000). Entrepreneurial learning and mentoring. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, v. 6(3), pp. 160-175.

Terzieva, L. (2016). Entrepreneurial learning and communities of practice: The case of the cross-border cultural tourism development Bulgaria-Romania. In: Ateljevic, J., & Trivić, J. (Eds.), *Economic Development and Entrepreneurship in Transition Economies: Issues, Obstacles and Perspectives*. Switzerland: Springer International Publishing, pp. 271-286.

Toutain, O., Fayolle, A., Pittaway, L., & Politis, D. (2017). Role and impact of the environment on entrepreneurial learning. *Entrepreneurship & Regional Development*, v. 29(9/10), pp. 869-888.

Vizeu, F. F. (2010). Potencialidades da análise histórica nos estudos organizacionais brasileiros. *Revista de Administração de Empresas*, v. 50(1), pp. 37-47.

Wang, C. L., & Chugh, H. (2015). Entrepreneurial learning: Past research and future challenges. In: Rae, D., & Wang, C. L. (Eds.), *Entrepreneurial Learning: New perspectives in research, education and practice*. New York: Routledge Taylor & Francis Group, pp. 11-44.

Wang, C. L., & Chugh, H. (2014). Entrepreneurial Learning: Past Research and Future Challenges. *International Journal of Management Reviews*, v. 16(1), pp. 24-61.

Wang, C. L., Rafiq, M., Li, X., & Zheng, Y. (2014). Entrepreneurial preparedness: an exploratory case study of Chinese private enterprises. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, v. 20(4), pp. 351-374.

Yanow, D. (2000). Seeing Organizational Learning: A 'Cultural' View. *Organization*, v. 7(2), pp. 247-268.

Young, J. E., & Sexton, D. L. (1997). Entrepreneurial Learning: A Conceptual Framework. *Journal of Enterprising Culture*, v. 5(03), pp. 223-248.

Zampier, M. A., & Takahashi, A. R. W. (2014). Competências e aprendizagem empreendedora em MPE's educacionais. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, v. 8(3), pp. 1-22.